

A educação inclusiva nas investigações dos grupos de pesquisa em Educação Química no Brasil

Edson Frozza¹ (IC), Maiara Fantinelli² (IC), Bruno dos Santos Pastoriza³ (PQ), Jackson Luís Cacciamani⁴ (PQ).

^{1,2,4}Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza, PR. *maiarafantinelli.quim@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

Palavras-Chave: Inclusão, Grupos de Pesquisa, Educação Química.

Área Temática: Inclusão e Políticas Educacionais (IP)

RESUMO: ESTE TRABALHO TRAZ UMA ANÁLISE DE UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DESENVOLVIDA NO GRUPO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NATURAIS (GPECIEN) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS), CAMPUS REALEZA, PARANÁ. A PESQUISA TEM COMO RECORTE OS GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL QUE ABORDAM EM SUAS INVESTIGAÇÕES A EDUCAÇÃO QUÍMICA, DOS QUAIS ANALISAMOS SEUS TRABALHOS PUBLICADOS. BUSCAMOS ANALISAR AS PRODUÇÕES QUE DISCUTEM A INCLUSÃO COM OBJETIVO DE COMPREENDER COMO TEM SE DESENVOLVIDO ESTE PROCESSO COMPLEXO QUE PROPORCIONA MOMENTOS DE INCERTEZAS E DIFICULDADES NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS DEVIDO A UMA FORMAÇÃO FRÁGIL DOS PROFESSORES QUANTO À NECESSIDADE DE TRABALHAR COM AS DIFERENÇAS. ESTA FRAGILIDADE IMPLICA EM MENCIONAR QUE A INCLUSÃO É RECENTE NAS INVESTIGAÇÕES DA ÁREA DA EDUCAÇÃO E QUE ENTRE AS POUCAS PRODUÇÕES, AS DIFICULDADES ESTÃO SEMPRE RELACIONADAS À FORMAÇÃO DOCENTE E À FALTA DE ESTRATÉGIAS DE ENSINO QUE PROPORCIONEM UMA RELAÇÃO MAIS PRÓXIMA E QUE VALORIZA A DIVERSIDADE.

INTRODUÇÃO

Um dos desafios da Educação Química, bem como de outras áreas do conhecimento é a participação das instituições de ensino do processo de inclusão, necessitando se adequar estruturalmente, além de proporcionar capacitação aos funcionários e professores que trabalham nos espaços educativos. No âmbito nacional existem várias iniciativas e políticas públicas que buscam integrar ou contemplar os sujeitos independente de suas particularidades (cor da pele, tempo de aprendizagem, gênero, nível socioeconômico-cultural, dentre outros), de modo que se trabalhe com esta diversidade (BRASIL, 2008; BRASIL, 2014).

Com base nas mudanças históricas, percebemos que a inclusão é um movimento recente na educação brasileira. Por exemplo, nos processos de formação de professores, é ainda novo o componente curricular de Libras, que vem sendo ofertado nos cursos de graduação. Isso, no entanto, não significa dizer que haja uma formação no sentido de compreendermos a inclusão na sua complexidade. Sobretudo,

defendemos o argumento de que a inclusão engloba os aspectos mencionados anteriormente, pois acreditamos na potencialidade de uma discussão e problematização mais ampla acerca disso.

Autores como Freire (2008), Lopes e Rech (2013) contribuem para fortalecer esta nossa compreensão ao entenderem a inclusão como um assunto muito amplo que abrange questões referentes à condição física e/ou cognitiva das pessoas, situação econômica e social de sujeitos ou grupos sociais, etnia, dentre outros. Desse modo, é possível a construção de entendimentos mais coerentes sobre a educação inclusiva e de práticas que colaboram para o processo inclusivo.

Na Europa, o processo de integração e escolarização de pessoas com deficiência ou necessidades especiais nas classes regulares, com acompanhamento de professores especializados iniciou a partir da década de 60, sendo que a Itália passou a encaminhar todas suas crianças e jovens para a escola regular a partir da década de 70 (Sanches e Teodoro, 2006). Enquanto no Brasil, a política de Inclusão ganhou força após a *Conferência Mundial de Educação para Todos*, Jomtien na Tailândia (1990) e a *Conferência Mundial de Educação Especial*, Salamanca na Espanha 1994, a qual passou a influenciar a formulação das políticas públicas da educação inclusiva, sendo que, em 1996 a Lei Nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) já regulamentava que a educação fosse oferecida preferencialmente na rede regular de ensino (Lopes e Rech, 2013).

Nos discursos sobre a educação inclusiva emergem muitos questionamentos, por exemplo, se está acontecendo de fato a inclusão? Um aluno com necessidades especiais consegue acompanhar os demais estudantes? Este aluno influencia no desenvolvimento das aulas? Os profissionais da educação estão preparados para lidar com esses alunos? Nos processos de formação de professores como vem acontecendo as discussões acerca da inclusão? Como os gestores das escolas compreendem a inclusão? Qual a dimensão a integração entre a escola e a universidade no processo de inclusão?

Estas questões vêm sendo investigadas e debatidas na Educação Química ao longo dos anos, mas ainda de forma muito incipiente. Inclusive, os trabalhos publicizados em periódicos da área como a *Química Nova na Escola* são muito recentes. Regiani e Mól (2013) problematizam as condições de acesso e permanência de pessoas com necessidades especiais ao ensino, a partir de uma vivência na universidade com uma estudante com deficiência visual. Há também outros estudos, como de Dobler *et al.* (2012) que trazem discussões a respeito da formação de professores nos cursos e apontam para uma restrição em torno de tempo e conteúdos que não permite um processo formativo de qualidade. Essas produções recentes

demonstram que os diálogos acerca da educação inclusiva vêm sendo estabelecidos de forma gradativa.

Com o intuito de compreender o desenvolvimento da Educação Química, a partir dos grupos de pesquisas que se inserem ou permeiam esta área, o Grupo de Pesquisa em Educação em Ciências Naturais (GPECieN) da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza, Paraná, vem problematizando o contexto da formação dessa área da Química. Este trabalho integra as investigações que vêm sendo realizadas e tem como objetivo apresentar as principais tendências de discussões dos grupos constituídos entre 1982, ano de formação do grupo mais antigo encontrado, e 1995, ano de constituição da revista Química Nova na Escola, com base nos trabalhos publicizados pelos integrantes dos grupos até 2013, ano de realização da pesquisa.

Neste trabalho discutimos acerca das investigações que apresentam como foco a educação inclusiva, buscando conhecer os enfoques e os encaminhamentos das discussões, os desafios e as potencialidades do processo da inclusão, bem como a importância desta temática no desenvolvimento da Educação Química.

METODOLOGIA

Na busca de compreendermos mais sobre a constituição dos grupos de pesquisa em Ensino de Química e os trabalhos que eles vêm desenvolvendo, iniciamos investigando acerca dos diferentes grupos utilizando o Diretório dos Grupos de Pesquisa, vinculado à Plataforma Lattes. A procura baseou-se em palavras-chave como *Química*, *Ciências*, *Ensino de Química*, *Educação Química*, *Ensino de Ciências* e *Educação em Ciências*, resultando em 128 grupos. Tendo em vista a proposta de analisar os trabalhos produzidos pelos grupos encontrados, optamos por proceder a um recorte que proporcionasse uma análise de forma mais consistente. Nesse sentido, estabelecemos o período entre 1982, ano de criação do grupo mais antigo encontrado, e 1995, ano de constituição da revista Química Nova na Escola (QNEsc). Esta data final marca um momento importante em que surge essa revista como “um espaço de educadores, suscitando debates e reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem de Química” (Beltran *et al.*, 1995) e, ainda, possibilita uma articulação entre escola e universidade, proporcionando a publicação das produções de professores da Educação Básica, professores da universidade e licenciandos. Do recorte estabelecido, foram encontrados 11 grupos a partir dos quais procuramos analisar os trabalhos completos publicados em anais, artigos e livros, com base no Currículo Lattes dos pesquisadores desses grupos selecionados. Foram encontradas 1507 produções publicadas no período que vai desde o surgimento da área até o ano desta pesquisa, 2013.

Como nosso objetivo é realizar um mapeamento inicial das temáticas investigadas na área da Educação Química, em um primeiro momento realizamos uma análise exploratória integrada com proposta da Análise Textual Discursiva (ATD) (Moraes e Galiuzzi, 2007) aplicada aos títulos dos trabalhos selecionados. A ATD é uma metodologia de análise qualitativa que permite reconstruir o entendimento sobre determinado fenômeno ao aproximar elementos unitários (unidades de sentido) oriundos de um conjunto de textos ou documentos, por intermédio de uma categorização. Esta opção por utilizar a ATD a partir dos títulos dos trabalhos se embasa na concepção de que estes, em sua maioria, remetem ao foco ou às temáticas apresentadas no texto. Destacamos que, naqueles casos em que os títulos não possibilitavam a categorização do trabalho, buscamos os respectivos resumos no sentido de contribuir no processo de análise.

Ressaltamos que no processo de unitarização em cada trabalho emergiu uma ou mais unidades de sentido. Isso foi possível por entendermos que os títulos poderiam ser decompostos em mais de uma ideia referente ao trabalho e, sendo assim, poderia estabelecer mais de uma relação com as outras produções.

Em um segundo momento, realizamos uma categorização das unidades construídas. Aqueles títulos dos quais emergiram duas ou mais unidades podem estar contemplados em mais de uma categoria. As categorias que emergiram na análise foram: Aprendizagem, Avaliação, Cidadania, Coletividade, Concepções, Conceitos, Cotidiano, Currículo, Ensino, Educação Inclusiva, Epistemologia, Tecnologias de Informação e Comunicação, Estratégias de Ensino e de Aprendizagem, Formação Docente, Linguagem, Material Didático, Percepções, Pesquisa, Educação Ambiental, Saberes e Conhecimento, Situações Interativas, Interdisciplinaridade, Prática Docente e Representações.

Dentre essas categorias, a Educação Inclusiva chamou a atenção por contemplar poucos trabalhos, por entendermos ser um tema que ganhou destaque no cenário nacional principalmente nos últimos anos. O número incipiente de publicações acerca da inclusão nos grupos de pesquisa faz acreditarmos ser importante investigar o que tem sido produzido por estes grupos e analisar se as políticas de fato têm chegado as instituições de ensino e ajudado no processo de inclusão. Com os trabalhos que foram encontrados e analisados, os quais são apresentados no Quadro 2, podemos perceber que as investigações acerca da inclusão são recentes.

Quadro 2: Trabalhos selecionados para análise da categoria Educação Inclusiva*

Ano	Autores	Título do Trabalho	
2006	Wildson L. P. dos Santos	Letramento em Química, Educação planetária e Inclusão Social	A
2008	Maria de F. C. Gomes; Eduardo F. Mortimer	Histórias sociais e singulares de inclusão/exclusão na aula de Química	B
2011	Tainara F. Mohr; João C. S. Leite; Gerusa de S. Costa; Eliana A. Cadoná; Marli D. Frison	Necessidades educacionais especiais: um olhar para estudantes com dificuldades visuais	C
2011	Marli D Frison; Láutia F. de Moura.	Alunos com necessidades especiais na sala de aula de uma estagiária: desafios para uma professora em formação inicial	D
2012	Guilherme H. Dobler; Lisiane O. Ferreir; Renata de S. Santo; Silvana K. D. Rosa; Janessa C. Peccin; Marli D. Frison	Inclusão escolar: implicações na educação básica	E
2012	Franciele Kollas; Marli D. Frison; Eva T. O. Boff	Prática docente para uma educação inclusiva: um desafio sócio-cultural	F

*No Quadro constam apenas os trabalhos encontrados.

A partir da ideia de que a Educação Inclusiva no contexto da Educação Química perpassa ainda poucas produções dessa área, procedemos, num terceiro momento, à leitura de 6 trabalhos encontrados pertencentes a essa categoria. Essa leitura buscou tanto um conhecimento da produção em si e sua análise de coerência, quanto da categoria criada, bem como um adensamento nas discussões que a área da Educação Química vem produzindo ao longo de sua história (compreendida pelos grupos incluídos em nosso recorte). Os trabalhos analisados se encontram no Quadro 2, cuja discussão será realizada nas seções posteriores deste trabalho com a intenção de dialogarmos a respeito destas produções elencadas no processo de pesquisa, sendo que os autores e o ano de publicação destes trabalhos constam nessa organização do quadro, construindo assim um movimento de sua historicidade e pontuando o foco das investigações neste período.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

a. Panorama dos trabalhos:

Com o objetivo de adensar mais as discussões acerca da Educação Inclusiva, fizemos uma leitura dos trabalhos dialogando com pesquisadores da área da Educação, em geral, e da Educação Química, buscando compreender as relações que se estabelecem entre inclusão, escola e formação docente, e sobre o processo de ensinar e de aprender em Química que foram constituídos nessa historicidade das produções apresentadas em nosso recorte. Buscamos identificar o foco principal de investigação de cada trabalho, apresentando na sequência um panorama de cada trabalho.

O trabalho A discute o papel da Química, especialmente dos professores da Educação Básica quanto ao comprometimento da Educação Química numa ideia de inclusão planetária no intuito de melhorar as condições de vida.

No trabalho B são trazidas discussões sobre a inclusão/exclusão de estudantes nos processos de ensino e aprendizagem relativos aos conhecimentos de química no ensino médio, a partir de suas histórias sociais e pessoais. A investigação diagnosticou que os processos de inclusão/exclusão são construídos no cotidiano das salas de aula associadas as trajetórias escolares dos estudantes e as questões socioculturais. A exploração de trabalho em grupos menores e a utilização de metodologias diversas são estratégias que contribuem na construção das relações de inclusão.

No trabalho C os autores buscaram identificar os pontos de vista sobre o processo de inclusão de alunos com necessidades especiais. Participaram da pesquisa professores do Ensino Básico, coordenadores pedagógicos, licenciandos e estudantes com necessidades especiais. A pesquisa revelou que os alunos conseguem acompanhar a turma, mas existem alguns obstáculos como preconceito, currículo, professores sem qualificação e sem conseguir atender de forma adequada os alunos com necessidades especiais e incentivo por parte da esfera pública.

O trabalho D apresenta um recorte de uma experiência vivenciada por uma professora de Ciências em formação inicial, aborda as dificuldades de alunos surdos no processo de aprendizagem da língua portuguesa escrita. Relata que a forma de escrita e a contextualização das frases como as principais dificuldades na aprendizagem, cita também dificuldade de interpretação e elaboração de textos, sendo fundamental entender os surdos em sua totalidade histórica, social, cultural e com uma língua própria, isso faz com que a escola e os professores necessitem estar bem preparados e qualificados para recebê-los.

No trabalho E é discutido sobre a necessidade da formação de professores integrada a uma educação inclusiva. As informações produzidas revelam que a formação de professores acerca da Educação Especial ainda é muito limitada, sendo restringida ao tempo e conteúdos generalistas. Os professores revelaram que por não terem tido uma formação adequada não estão preparados para receber e trabalhar com a inclusão. Outro desafio constatado que dificulta a inserção de estudantes com necessidades especiais foi a precariedade da estrutura das escolas. Os autores apostam que recursos para atendimentos especiais, como as salas de recursos, proporcionam apoio pedagógico aos professores e atendimento às especificidades dos estudantes.

Já o trabalho F traz uma reflexão da experiência de um estágio realizado na Educação de Jovens e Adultos que busca compreender questões da escola inclusiva e como a prática docente no período de regência contribui para a formação inicial. Durante o estágio emergiram desafios acerca do trabalho com a pluralidade cultural na escola e de como fortalecer a formação de estudantes com diferentes vivências pessoais e profissionais, ritmos de aprendizagem, traços psicológicos e culturais, mas que recebem o conteúdo de modo igual. As autoras compreendem o quanto é importante respeitar as individualidades e ressaltam que a utilização de metodologias e materiais didáticos diferenciados são indispensáveis na prática docente do estágio.

Com o que foi verificado é possível identificar que a metade das produções refletem a inclusão escolar em torno de estudantes com necessidades especiais. Os outros trabalhos trazem o processo de inclusão articulado a outros grupos de pessoas e associado com a melhoria da qualidade de vida, com o auxílio da ciência química. No geral dos trabalhos percebemos que existe uma grande preocupação em relação à formação de professores capacitados a trabalhar e promover a inclusão no espaço escolar. Além disso, há uma inquietação de como os professores e alunos estão reagindo quando se encontram em situações que propõem ações diferenciadas para que todos os sujeitos se sintam parte daquele espaço de ensino e de aprendizagem.

b. Análise a respeito da Educação Inclusiva e sua investigação nos grupos de pesquisa em Educação Química pertencentes ao recorte:

A educação inclusiva cada vez mais vem fazendo parte dos discursos presentes nos espaços educativos, sempre lembrando o direito que todos têm à garantia de acesso e permanência na escola e de educação de qualidade. Neste sentido, é preciso ressaltar que historicamente a luta em prol de melhorias na organização da educação contemplou a todos os grupos excluídos, não sendo somente o grupo de pessoas com necessidades educacionais especiais (Santos, 2002). Às vezes o movimento da inclusão é somente compreendido e dirigido a esse público e, neste trabalho,

compartilhamos da compreensão de que esse processo busca uma melhor educação para todos.

Uma das bandeiras levantadas quanto à inclusão é que as diferenças sejam respeitadas, mas, mais que isso, que as diferenças devem ser consideradas inerentes a quaisquer sujeitos, e no caso dos processos de ensino a adequação das metodologias contribuem na aprendizagem dos alunos. Macedo (2005) vê como um desafio a cultura das diferenças, porque mesmo que seja defendida a inclusão, o que predomina nas escolas ainda é uma metodologia em que todos os alunos são submetidos às mesmas tarefas e recursos, e que no final são comparados uns aos outros. Percebemos que trabalhar com a diversidade cultural é uma proposta que as instituições de ensino ainda possuem dificuldades, como por exemplo fazer com que o aluno se sinta pertencente a sala de aula ou ao grupo social, não apenas estando presente no espaço escolar mas permanecendo excluído, por preconceito dos colegas e/ou professores, por um currículo que privilegia um grupo de alunos, pela infraestrutura ou pelo despreparo dos educadores frente a diferentes situações. Se, por um lado, há a prevalência de discursos que valorizam a diferença e que se colocam nos trabalhos como cada vez mais abrangentes, é passível questionar quais os fatores que levam a esta possível incoerência entre tais discursos e as práticas realizadas ou não no que tange aos processos inclusivos.

A necessidade de melhorar a formação dos professores, principalmente em termos da educação especial é um dos temas abordados em alguns dos trabalhos analisados. Lidar com a diversidade ou a heterogeneidade dos sujeitos aprendentes é algo que os professores ainda enfrentam dificuldades, e isso, muitas vezes, é trabalhado de forma superficial na formação inicial e continuada ou, então, é ignorado totalmente. Conforme Ferreira e Ferreira (2013) o não conhecimento sobre as características das necessidades educacionais e dificuldades na aprendizagem é reflexo de uma formação continuada que não promove suficientemente o desenvolvimento profissional dos docentes. Acerca disso, os autores mencionam à política desse desenvolvimento pela falta de um eixo na formação inicial voltado para a diversidade, preconizando assim uma educação modelada a um grupo específico de estudantes e deixando à margem a diversidade cultural. Compreendemos que é essencial que os cursos de licenciatura reavaliem seus currículos, de modo que atendam as necessidades da formação de um profissional qualificado para enfrentar diversas realidades, presentes num mesmo contexto.

Quanto a necessidade de fazer com que o sujeito se sinta pertencente ao espaço escolar há uma reflexão sobre o uso de diferentes estratégias de ensino em sala de aula que promova a integração dos estudantes e a aprendizagem. Acerca

dessa questão, Pereira, Benite e Benite (2011) discutem que o processo de inclusão não consiste apenas na permanência física dos estudantes uns com os outros, mas vai além quando acontecem ações e atividades que trabalham a potencialidade, o respeito com as diferenças, o atendimento às individualidades. Esses aspectos podem ser trabalhados em distintos momentos e por meio de diferentes metodologias que tragam às aulas o exercício de conhecer o outro, de dialogar, de compartilhar desafios e superações. Neste sentido, Macedo (2005) diz que na inclusão as semelhanças e as diferenças se relacionam de forma indissociável, e em caso de haver a prática apenas da cultura da semelhança haverá exclusão dentro da própria escola. Compartilhamos dessa ideia, uma vez que acreditamos que o sujeito aprende com o Outro, na coletividade estabelecida no desenvolvimento das atividades e nas diferenças que ficam mais evidentes durante o processo.

Outra condição existente que está articulada com a formação dos professores e com a utilização de metodologias diversificadas é a questão da infraestrutura das instituições de ensino. Laplane (2013) evidencia que a realidade da educação brasileira se contrapõe com o discurso da inclusão, uma vez que são constatadas salas de aulas comportando um limite de estudantes acima do estipulado e estrutura física precária para atendimento. A autora questiona que em vista disso a inclusão não deve ser considerada como política, uma vez que os estudantes sejam introduzidos em contextos dessa natureza. Um aluno que apresente deficiência, dificuldade no aprendizado, dificuldade de relacionamento, problemas comportamentais ou qualquer outra dificuldade, muitas vezes precisa de um acompanhamento mais próximo dos professores, o que não acontece quando o número de alunos é grande.

Uma das dificuldades enfrentadas no processo de inclusão que ganha mais destaque nas investigações é a formação de professores, mostrando que as ações desenvolvidas nos cursos de formação não são suficientes ou não estão alcançando os objetivos, que é dar condição aos professores de (re)planejar e desenvolver atividades que integre todos os alunos. A dificuldade de trabalhar com a inclusão é percebível nos trabalhos analisados, sendo que, apenas um apresenta ações que podem melhorar as relações e promover uma real inclusão. Acreditamos que um número maior de trabalhos que propusessem alternativas aos professores dariam ferramentas para que a inclusão fosse potencializada nos espaços educativos. Trata-se de um processo complexo, mas que muitas vezes é simplificado a nossos olhos quando classificamos situações como normais por já fazerem parte do nosso cotidiano.

Analisados em conjunto, esses trabalhos e suas relações com outras produções permitem encaminhar a um pensamento de que precisamos desnaturalizar aqueles discursos e vivências incoerentes com o processo inclusivo para que os sujeitos sejam

compreendidos e suas especificidades valorizadas, bem como contempladas nas propostas de trabalho desenvolvidas em sala de aula, nas escolas, universidades.

CONCLUSÃO:

Durante a realização desta investigação percebemos que a educação inclusiva, dentre as inúmeras produções obtidas, ainda é pouco discutida no âmbito da Educação Química, em virtude de que os grupos de pesquisa não contemplam esta temática em seus estudos e por ser uma temática recente, sendo que a maioria das investigações analisadas é dos últimos anos. Dessa forma, vemos a necessidade de discussões cada vez mais amplas articuladas com a reformulação dos currículos de formação de professores, avaliação das propostas e ações desenvolvidas em sala de aula, assim como em Escolas e Universidades. Compreendemos que é necessário uma aproximação entre as escolas da Educação Básica com a Universidade, pois de um trabalho conjunto pode surgir ações que busquem auxiliar no processo de inclusão.

Mudanças na formação e o trabalho coletivo permitirão suscitar novas compreensões acerca da educação inclusiva de qualquer indivíduo nos espaços educativos e modificações nas políticas de inclusão de nosso país. Também deve ser destacado o cuidado que o processo de inclusão requer para não ocorrer situações em que a falta de uma ação para aproximar as relações entre todos, ou a desvalorização das diferenças produzam exclusão no espaço escolar daqueles que são tidos como incluídos.

Argumentamos em favor de uma formação de professores que proporcione condições para que estes se sintam capazes diante de situações que exijam conhecimentos específicos e criatividade, por isso acreditamos que a formação de um professor pesquisador, que compartilhe suas experiências em diálogos na própria escola ou em publicações, eventos ou seja um caminho que possibilita melhorias nos processos de ensino, aprendizagem e inclusão.

REFERÊNCIAS:

- BRASIL. **Lei n. 1300, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, 26 jun. 2014.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BELTRAN, Nelson Orlando *et al.* Editorial Química Nova na Escola. **Química Nova na Escola**, maio 1995.
- DOBLER, Guilherme Hammarstrom *et al.* **Inclusão escolar**: implicações na educação básica. Revista de Educação IDEAU, v. 7, n. 16, p. 1-12, jul./dez. 2012.

- FREIRE, Sofia. Um olhar sobre a inclusão. **Revista da Educação**, v. 26, n. 1, p. 5-20, 2008.
- FERREIRA, Maria Cecília Carareto; FERREIRA, Júlio Romero. Sobre inclusão, políticas públicas e práticas pedagógicas. In: GÓES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia Friszmam de (Orgs). **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013. p. 21-46.
- LAPLANE, Adriana Lia Friszmam de. Notas para uma análise dos discursos sobre inclusão. In: GÓES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia Friszmam de (Orgs). **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013. p. 5-19.
- LOPES, Maura Corcini ; RECH, Tatiana. Luiza . Inclusão, biopolítica e educação. **Revista Educação** (PUCRS. Online), v. 36, p. 210-219, 2013.
- MACEDO, Lino de. **Ensaio Pedagógico**: como construir uma escola para todos. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.
- PEREIRA, Lidiane de L. S.; BENITE, Claudio R. Machado; BENITE, Anna M. Canavarro. Aula de química e surdez: sobre interações pedagógicas mediadas pela visão. **Química Nova na Escola**, v. 33, n. 1, p. 47-53, 2011.
- REGIANI, Anelise Maria; MÓL, Gerson de Souza. Inclusão de uma aluna cega em um curso de licenciatura em química. **Ciência & Educação**, v. 19, n. 1, p. 123-134, 2013.
- SANCHES, Isabel; TEODORO, António. Da integração à inclusão escolar. Perspectivas e conceitos. **Revista Lusófona de Educação**, 8, 2006.
- SANTOS, Mônica Pereira dos. Educação inclusiva: redefinindo a educação especial. **Ponto de Vista**, n. 3/4, p. 103-118, 2002.